

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912) e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou na biblioteca do estado (atual) e dedicou-se ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Serviço Antropométrico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e publicou as seguintes obras: *Os Dias de 1898* (1913), *Os Dias de 1913* (1914) e *Os Dias de 1914* (1915).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Teve ainda outras obras publicadas em forma de folheto, incluindo também textos jurídicos. Após ingressar na carreira pública, em 1900, quando foi eleito presidente do estado, dirigiu a imprensa oficial do Ceará, a *Imprensa Oficial*. Com a ajuda de Leonardo Melo, jornalista, e de Zé, engenheiro, organizou o quadro acadêmico, ocasião em que o poeta de Aquidauana foi eleito membro da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz;
Das cinzas do Proconceito
Resurgem novos deuses,
Tremida a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

QUINTINO CUNHA

José Quintino da Cunha nasceu em Itapagé, Ceará, no dia 24 de julho de 1875 e faleceu em Fortaleza em 1º de junho de 1943, aos 68 anos de idade. Bacharelou-se em 1909 pela Faculdade de Direito do Ceará, tendo exercido antes, como provisionado, a advocacia em Manaus. Foi deputado estadual no período de 1913 a 1914. Orador brilhante exercendo seu talento em comícios, nas festividades e na tribuna do Júri. Era um exímio repentista e, em decorrência deste atributo, muito enriqueceu o anedotário cearense.

Foi escritor, jornalista fluente e poeta. No dizer de Raimundo Girão “era poeta de lúcida inspiração: algumas de suas composições se tornaram populares, recitadas amiúde”. Colaborou com jornais de nosso estado, do Norte e da capital da República. Publicou: *Diferentes* (contos), 1895; *A morte de cabeleira*, 1902; *Pelo Solimões (Versos Norte-brasileiros)*, 1907; *O estilo da Jurisprudência* (tese), 1928; e o poemeto *A pulga*, 1917.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922, na época da primeira reorganização, ocupando a cadeira número 22, cujo patrono era o poeta Paula Nei. Foi esquecido na segunda reorganização do sodalício, compondo assim o grupo dos “injustiçados”. Pertenceu ao Centro Literário e foi fundador do Grêmio de Letras de Belém.

ENCONTRO DAS ÁGUAS

(RIOS NEGRO E SOLIMÕES)

*Vê bem, Maria, aqui se cruzam: este
É o Rio-Negro, aquele é o Solimões.
Vê bem como este contra aquele investe,
Como as saudades com as recordações.*

*Vê como se separam duas águas,
Que se querem reunir, mas visualmente;
É um coração que quer reunir as mágoas
De um passado, às venturas de um presente.*

*É um simulacro só, que as águas donas
D' esta terra não seguem curso adverso,
Todas convergem para o Amazonas,
O real rei dos rios do Universo;*

*Para o velho Amazonas, Soberano
Que, no solo brasílio, tem o Paço;
Para o Amazonas, que nasceu humano,
Porque afinal é filho de um abraço!*

*Olha esta água, que é negra como tinta,
Posta nas mãos, é alva que faz gosto;
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
Nos olhos, a paisagem de um desgosto.*

*Aquela outra parece amarelaça,
Muito, no entanto é também limpa, engana;
É direito a virtude quando passa
Pela flexível porta da choupana.*

*Que profundezas extraordinária, imensa,
Que profundezas, mais que desconforme!
Este navio é uma estrela, suspensa
N'este céu d'água, brutalmente enorme.*

*Se este dois rios fôssemos, Maria,
Todas as vezes que nos encontramos,
Que Amazonas de amor não sairia
De mim, de ti, de nós que nos amamos!!...*

NUBLADO

*O Sol quis ver a terra hoje. A invernica
Só uma nuvem formou no firmamento;
Queria vê-la, ao menos um momento,
Mas mesmo esse momento não podia:*

*Porque o sombrio, o torvo, o pardacento
Dessa nuvem ao Sol não permitia
Ver uma flor, sequer. Passou-se um dia
Quase que num perfeito enlutamento.*

*Quis ver a Terra, mas a tarde veio,
Depois a noute, que o ocultou no meio
Dos seus escuros e tristonhos folhos!*

*Maria, eu sou direito esse sol-posto:
Há dias em que a nuvem de um desgosto
Não quer que eu veja a terra dos teus olhos!...*

FONTE: CUNHA, QUINTINO. PELO SOLIMÓES. PARIS: AILLAUD, 1907. P. 86-88, 208-209.

EPITÁFIO

*“O Padre Eterno, segundo
Refere a História Sagrada
Tirou o mundo do nada
E eu nada tirei do mundo...”*

FONTE: MARTINS, JOSÉ MURILO. *O ROTARIANO MARTINS FILHO*. FORTALEZA: IMP. UNIVERSITÁRIA, 2004. P. 157.